

A pluridimensionalidade no Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros: uma análise das denominações para a profissão daqueles que fazem os utensílios de couro para a lida com a tropa

The pluridimensionality in the Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros: an analysis of the names for the profession of those who make leather tools for working with the troop

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores Associados

Leonie Ette
Miguel Gutiérrez Maté
Patricia de Ramos

Recebido: 30/05/2024

Aceito: 10/05/2024

Como citar:

CHOFARD, Amanda. A pluridimensionalidade no Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros: uma análise das denominações para a profissão daqueles que fazem os utensílios de couro para a lida com a tropa. *Revista Diadorim*, v.26, n.2, e64212, 2024. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n2a64212>

Amanda Chofard

Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras. Salvador, BA, Brasil.
E-mail: amandachofard@gmail.com

Resumo

Amparado na Geolinguística Pluridimensional, o presente estudo, que se configura como um recorte da tese de Chofard (2023), evidencia a diversidade existente nos falares da Região Sul e busca averiguar, por meio dos dados coletados para o Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros (ALRT), como essa heterogeneidade se dá ao longo de uma das rotas dos tropeiros, tendo em vista os grandes fluxos migratórios e os contatos entre gaúchos e paulistas durante os quase 200 anos pelos quais o Tropeirismo perdurou. Assim, tem-se como objetivos: (i) apresentar as dimensões de análise que foram contempladas para a coleta de dados do ALRT, descrevendo as escolhas metodológicas e apresentando as vantagens e dificuldades

das escolhas; (ii) descrever as variantes registradas para a questão aqui enfocada nos 12 pontos de inquérito que compõem a rede de pontos do Atlas; e (iii) analisar pluridimensionalmente, por meio de cartas linguísticas, gráficos e tabelas, o que os dados revelam. O Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALRT é composto por 125 questões, dentre as quais, para o presente estudo, foi selecionada a questão 93, que busca as designações para a profissão daqueles que fazem os utensílios de couro para a lida com a tropa e constitui-se enquanto um item variável no que tange às diferentes dimensões de análise. Nesse sentido, os resultados indicam que existem diferentes maneiras de denominar a profissão, porém duas são mais usuais, sendo elas *guasqueiro* e *coureiro*. Já, no que diz respeito às dimensões controladas, constata-se que todas exercem alguma influência nas escolhas linguísticas dos informantes.

Palavras-chaves

Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros; Metodologia pluridimensional; Guasqueiro; Coureiro; Geolinguística.

Abstract

Based on Pluridimensional Geolinguistics, this study, which is a segment of Chofard's (2023) thesis, highlights the linguistic diversity in the Southern Region and investigates, using data collected for the Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros (ALRT), how this heterogeneity manifests along one of the drover routes, considering the significant migratory flows and interactions between Gaúchos and Paulistas during the nearly 200 years of Tropeirismo. The study aims to: (i) present the analytical dimensions considered for the ALRT data collection, describing the methodological choices and outlining the advantages and challenges of these choices; (ii) describe the variants recorded for the issue addressed at the 12 survey points of the Atlas; and (iii) analyze plurally, through linguistic maps, graphs, and tables, what the data reveal. The Semantic-Lexical Questionnaire (QSL) of the ALRT includes 125 questions, among which question 93 was selected for this study. This question seeks designations for the profession of those who make leather tools for managing drovers and is considered a variable item across different analytical dimensions. The results indicate various ways to name the profession, with two terms being more common: *guasqueiro* and *coureiro*. Additionally, it is found that all controlled dimensions influence the linguistic choices of the informants.

Keywords

Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros; Pluridimensional Methodology; Guasqueiro; Coureiro; Geolinguistics.

Introdução

Dentre os distintos aspectos que contribuíram para a povoação e constituição do Sul do Brasil, tem-se o Tropeirismo, caracterizado como um acontecimento histórico-econômico que surgiu para solucionar os problemas de transporte ligados à mineração. Assim, em seu início, caracterizava-se como uma atividade itinerante, a qual contava com homens que saíam do Rio Grande do Sul e tropeavam gados vacum e muar para serem comercializados em Sorocaba, São Paulo, para, posteriormente, serem destinados, principalmente, ao trabalho nas Minas Gerais.

Percorrendo inúmeras vezes esses trajetos, que ao longo do tempo foram se deslocando do litoral para o oeste, esses tropeiros, além de fundarem e ocuparem muitas localidades, foram deixando suas marcas, incluindo as linguísticas. Desse modo, com base na Geolinguística Pluridimensional (Thun, 1998), o presente estudo evidencia a diversidade existente nos falares da Região Sul e busca averiguar como essa heterogeneidade se dá ao longo de uma das rotas dos tropeiros, tendo em vista os grandes fluxos migratórios e os contatos entre gaúchos e paulistas durante os quase 200 anos pelos quais o Tropeirismo perdurou.

A pesquisa de Chofard (2023) possui grande relação com a História, tendo em vista que, diferentemente de outras pesquisas geolinguísticas, não partiu de uma área específica para a constituição de sua rede de pontos, mas sim de um fato histórico, o que justifica o estudo e reforça a importância dessa área do conhecimento para os estudos linguísticos.

Isso posto, caracterizado como um recorte da tese mencionada, este artigo volta-se para os dados do ALRT, que compreende inquéritos realizados em localidades que vão do Rio Grande do Sul a São Paulo, passando por Santa Catarina e pelo Paraná, e possui como objeto de estudo as designações para a profissão daqueles que fazem os utensílios de couro para a lida com a tropa, as quais foram obtidas junto à questão 93 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALRT. Sendo assim, objetiva-se neste texto: (i) apresentar as dimensões de análise que foram contempladas para a coleta de dados do ALRT, descrevendo as escolhas metodológicas e apresentando as vantagens e dificuldades das escolhas; (ii) levantar as variantes registradas para a questão aqui enfocada nos 12 pontos de inquérito que compõem a rede de pontos do Atlas; e (iii) analisar pluridimensionalmente, por meio de cartas linguísticas, gráficos e tabelas, o que os dados revelam sobre o item 93 do QSL.

O artigo se organiza da seguinte maneira: primeiramente, são apresentadas considerações sobre o objeto de estudo, ou seja, sobre a profissão daqueles que lidam com o couro cru. Logo após, são trazidas reflexões a respeito da metodologia pluridimensional da Geolinguística. Em seguida, são detalhadas quais as dimensões de análise foram contempladas para a constituição do corpus do ALRT. Depois, é descrita a metodologia utilizada neste estudo, bem como é feita a descrição e a análise dos dados. Para finalizar, são tecidas as considerações finais seguidas das referências utilizadas.

Artesão do couro cru

Dentre os estudos geolinguísticos já realizados no território contemplado pelo ALRT, destacam-se o Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) e o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), os quais possuem questões coincidentes com as do ALRT. Todavia, no que diz respeito ao item tomado como objeto deste estudo, ressalta-se que ele se trata de um item inédito, não englobado pelos demais Atlas, o que impossibilita uma comparação de dados.

Desde o passado até os dias atuais o gado é um dos elementos que se liga fortemente à cultura gaúcha, seja no que tange à criação pecuária, à alimentação e até mesmo ao vestuário e às indumentárias. Nesse contexto, observa-se que o couro cru, enquanto matéria-prima, possui grande importância na lida com o animal, pois é dele que é feita a maioria das peças utilizadas no manejo diário, sendo algumas delas o laço, a cabeçada, as rédeas, o rebenque, dentre outras. Conforme Machado, Lauxen e Couvero (2023, p. 7),

A guasqueria está atrelada à cultura rural, aos costumes criados na relação do peão com seu cavalo e à lida no campo. Tem-se na introdução do gado vacum o marco fundamental para seu surgimento, ao transfigurara paisagem do Pampa e a economia. Nesse lugar de transformações tangíveis e intangíveis, desenvolve-se este ofício em couro cru, que acontece pela quantidade de matéria-prima que havia nos primórdios dessa zona de fronteira. Conserva-se como um saber secular por estar intrinsecamente ligada aos saberes e fazeres do homem rural, do peão que se tornou guasqueiro.

Por muito tempo, a função de fazer utensílios de couro para a lida com a tropa ficou restrita a homens mais velhos, peões que já não tinham muito mais força física para desempenhar certas funções, o que lhes conferia tempo para trançar. “Formava-se, a seu redor, uma rede de transmissão desse saber, ao ensinar aos filhos que futuramente seriam também peões e, também, para todos aqueles que estavam dispostos a ter paciência e confiar na memória” (Fontana, 1988 apud Machado; Lauxen; Couvero, 2023, p. 7).

Com o passar do tempo, observa-se que os aparatos iniciais fabricados por esses homens, rústicos, utilizados para trabalho, deram lugar a um trançado mais sofisticado, a itens de montaria que demonstram certo status social. Assim,

O homem que antes produzia utensílios exclusivamente para o trabalho e para as funções básicas do seu dia-dia converte-se neste momento num prestador de serviço, suprindo as necessidades das estâncias e tornando esse ofício um modo de ganhara vida. Devido

à beleza e à qualidade dos objetos confeccionados pelos guasqueiros, os trabalhos mais elaborados passaram do grau de instrumentos de trabalho para o “status” e ascensão social, principalmente quando eram combinados com acessórios de prata, metal, de muito presente na região do pampa e sinônimo de riqueza e importância [...] (Alvares, 2014, p. 47).

Contudo, a guasqueria não se tornou um ofício bastante difundido, restando atualmente poucos artesãos que ainda desempenham essa função, a qual, hoje, conforme a Lei nº 15.965, de 27 de junho de 2023 (Rio Grande do Sul, 2023), configura-se como um patrimônio histórico e cultural do estado do Rio Grande do Sul.

Pluridimensionalidade Geolinguística

A Geolinguística, encarada por muito tempo enquanto método da Dialectologia, surge após os trabalhos de Wenker e Gilliéron, da necessidade de se obter dados passíveis de comparação a partir de uma coleta ágil, colaborando para uma tendência à elaboração de atlas linguísticos que perdura até hoje.

Tradicionalmente, os estudos dialetológicos e geolinguísticos possuíam caráter monodimensional, uma vez que o objetivo era, conforme Coseriu (1982), analisar a configuração espacial de uma língua, ou seja, de uma variedade diatópica e das relações interdialetais, estabelecendo áreas linguísticas, o que foi feito com excelência por bons anos. Contudo, no século XX, juntamente com o desenvolvimento de novas áreas de pesquisa, dentre elas a Sociolinguística, e com o afastamento da realidade do mundo moderno, houve o que Radtke e Thun (1996) chamaram de crise da geolinguística românica, que foi determinante para o estabelecimento de novas perspectivas, as quais foram discutidas por pesquisadores em um evento organizado pelos referidos autores e publicadas nos anais, dando luz, dessa forma, aos novos olhares e caminhos da Dialectologia e da Geolinguística.

Assim como as línguas, a sociedade também passa por mudanças que trazem novos desafios e foi frente a eles que a Geolinguística Pluridimensional emergiu, o que torna possível entender, conforme Cardoso (2010), que os novos caminhos adotados se deram muito mais por conta de aspectos sócio-histórico e políticos do que propriamente linguísticos. Dessa maneira, deixa-se de lado o caráter monodimensional e há uma apropriação dos parâmetros sociolinguísticos, dando lugar à pluridimensionalidade, pois sabe-se que a língua não é formada apenas por variedades regionais, mas também pela superposição de variedades sociais (Margotti, 2004), fazendo com que diferentes dimensões caminhem juntas em busca de áreas linguísticas.

Nesse sentido, abordagens acerca da variação linguística pautadas nesse ramo dos estudos dialetais podem considerar, de modo geral, oito dimensões de análise, sendo elas:

- Dialingual: considera duas ou mais línguas em contato.
- Diatópica: averigua a variação a partir de diferentes localidades.
- Diatópico-cinética: compara grupos de indivíduos topoestáticos e topodinâmicos¹.
- Diastrática: estratifica os informantes por classe social/ escolaridade².
- Diageracional: considera diferentes faixas etárias.
- Diassexual: analisa a variação no modo de fala de homens e mulheres³.
- Diafásica: investiga diferentes momentos de fala (respostas a questionários, conversa livre, discurso semidirigido, leitura).
- Diarreferencial: confronta o modo de falar com a consciência linguística do informante⁴.

Para além dessas, que tradicionalmente são as mais usuais nas pesquisas que adotam a pluridimensionalidade, outras dimensões podem ser empregadas, tais como a dimensão diazonal, que diz respeito à comparação entre a fala de grupos urbanos e rurais. No caso da tese que motivou este artigo, destaca-se que, por ter como mote um acontecimento que se passou em uma realidade rural, diferente da vivida pela maior parte da sociedade atual, os parâmetros rural e urbano foram considerados na estratificação dos informantes. Isso posto, salienta-se que a delimitação de quais dimensões serão contempladas em cada pesquisa é uma decisão metodológica crucial que deve ir ao encontro dos objetivos, sempre lembrando que quanto maior for o número de dimensões contempladas maiores serão os desafios cartográficos.

¹ Entende-se por topoestáticos aqueles indivíduos que pouco ou nunca se deslocaram de sua localidade de origem e, por topodinâmicos, aqueles que se deslocaram ou migraram para outra(s) localidade(s).

² Tendo em vista a dificuldade no estabelecimento de critérios para considerar um indivíduo como pertencente a uma ou outra classe social, na geolinguística brasileira, costuma-se estratificar os indivíduos a partir dos diferentes níveis de escolaridade.

³ Ressalta-se que, tradicionalmente, os estudos geolinguísticos consideram o sexo biológico, masculino e/ou feminino, e não o gênero.

⁴ Por meio desta dimensão é possível “[...] desenvolver observações e análises qualitativas dos comentários e referências metalingüísticas (expressões que descrevem a língua) e referências epilingüísticas (comentários sobre fatos associados à língua, mas estruturalmente não-conexos com ela) dos informantes, visando a fazer asserções fundamentadas a respeito da identidade étnica e das atitudes lingüísticas” (Margotti, 2004, p. 23).

No âmbito das pesquisas dialetais, sabe-se também da importância da pesquisa de campo com a coleta de dados realizada *in loco*, considerada uma das características da metodologia geolinguística. Desse modo, ao delinear os aspectos teórico-metodológicos da geolinguística pluridimensional, são propostas técnicas de coleta de dados, como a técnica da pluralidade simultânea, sucessiva ou de várias vias (Radtke; Thun, 1996) e a técnica em três tempos (Thun, 2000). A primeira, assegura a pluralidade dos informantes, seja por meio da presença de vários informantes durante a aplicação do inquérito (pluralidade simultânea), da aplicação de partes do questionário para informantes distintos, porém com mesmo perfil (pluralidade sucessiva), ou da aplicação de todo o questionário em informantes separadamente (pluralidade de várias vias). Já a segunda, também conhecida como o método da sugerência, busca registrar o maior número de respostas dadas pelos informantes e não apenas a primeira, o que corrobora para o registro de comentários metalinguísticos, assim como de formas que podem ser conhecidas, porém não utilizadas pelo inquirido. Portanto, tem-se três tempos na coleta de cada resposta, os quais consistem em perguntar, insistir e sugerir.

1º) pergunta-se (ex: Como se chama a ave preta que come animal morto, podre?) e se aguarda a resposta espontânea do informante, em seguida 2º) insiste-se se não conhece outra forma para nomear o mesmo referente; 3º) sugere-se uma outra possibilidade de nomeação que não tenha sido mencionada até então (ex: Já ouviu corvo para isso?) (Figueiredo, 2014, p. 52).

Como bem afirmam Figueiredo Jr. et al. (2021, p. 6), “não só os instrumentos de levantamento de dados devem estar bem ajustados com os objetivos da pesquisa, mas também as técnicas de elicitação precisam ser bem definidas”, já que elas poderão assegurar, ou não, que se colham bons dados.

A seguir, são apresentadas cada uma das dimensões aplicadas para a constituição do corpus do ALRT, detalhando as justificativas de escolha e os desafios enfrentados.

Dimensão diatópica

A diatopia é um dos aspectos intrínsecos à pesquisa geolinguística. Considerando que a base de todo e qualquer estudo dentro da perspectiva teórica aqui enfocada é o olhar para a variação linguística a partir de diferentes localidades, observa-se a dimensão diatópica como basilar, dando suporte para o registro, em mapas, da diversidade linguística em espaços geográficos. Nesse sentido, esta dimensão concretiza-se com a definição de uma rede de pontos, a qual, tradicionalmente, se pauta no caráter geográfico ou em características linguísticas de comunidades que habitam certo espaço, sendo necessário considerar aspectos sócio-históricos. Como pontuam Ferreira e Cardoso (1994, p. 24-25):

A determinação da área a ser submetida à investigação dialetal define-se em razão de sua situação geográfica, de sua história, das interferências de que têm sido objeto, do tipo de povoamento que nela se processou, da situação econômica atual e passada, da sua relação com as demais áreas a serem pesquisadas (quando for o caso), da sua situação demográfica, enfim, por ter como base um conjunto de caracteres que a demarcam e a distinguem de outras áreas. Pode, por outro lado, fundamentar-se em determinado dado linguístico, cuja análise se quer priorizar ou pôr em relevo, para submetê-lo, ou não, a confronto com o que se verifica em outras regiões.

Contudo, Chofard (2023) defende que fatores distintos ao geográfico também podem motivar a determinação de áreas a serem investigadas, como ocorreu na delimitação da área estabelecida para o ALRT. Conforme a autora, tem-se “[...] um atlas temático com motivação pautada em um acontecimento histórico que ocorreu em determinado território, a partir do qual foi definida a rede de pontos”, o que mostra a “[...] existência de novos olhares e delineamentos possíveis nesse quesito metodológico, algo que hoje não é amplamente exercido, mas que pode vir a ser com a ampliação dos horizontes do fazer geolinguístico” (Chofard, 2023, p. 51).

Para a composição da rede de pontos do ALRT, partiu-se do fato histórico do Tropeirismo, o qual se desenvolveu, principalmente, em uma área geográfica que engloba a Região Sul e parte do estado de São Paulo, no sudeste brasileiro, sendo essa a área tomada como base para o Atlas. Sabendo que existiram diferentes trajetos percorridos ao longo do período em que o tropeirismo perdurou, a pesquisa definiu que contemplaria apenas um deles, a rota conhecida como Caminho da Vacaria dos Pinhais, a partir da qual foram estabelecidos 12 pontos de inquérito.

Após o estudo da região, critérios como o povoamento e a significativa influência tropeira foram postos para a seleção das localidades que vieram a integrar a rede de pontos, as quais são apresentadas no Quadro 1 e identificadas na Figura 1.

Quadro 1 – Pontos de inquérito ALRT

Nº do ponto	Localidade	Estado
1	Cruz Alta	Rio Grande do Sul
2	Passo Fundo	Rio Grande do Sul
3	Vacaria	Rio Grande do Sul
4	Lages	Santa Catarina
5	Curitibanos	Santa Catarina
6	Mafra	Santa Catarina

Quadro 1 – Cont.

Nº do ponto	Localidade	Estado
7	Lapa	Paraná
8	Palmeira	Paraná
9	Castro	Paraná
10	Itararé	São Paulo
11	Itapetininga	São Paulo
12	Sorocaba	São Paulo

Fonte: Chofard (2023, p. 74).



Figura 1 – Mapa da Rota dos Tropeiros com destaque para os pontos de inquérito

Fonte: Adaptado de Gazeta do Povo (2013 apud Chofard, 2023, p. 80).

Dimensão diasssexual

Assim como o próprio nome sugere, a dimensão diasssexual estratifica os informantes quanto ao sexo biológico, homens e mulheres. Historicamente, sabe-se que homens e mulheres assumem papéis e ocupam diferentes espaços na sociedade, o que, conseqüentemente, corrobora para que haja uma distinção na fala desses dois grupos.

Conforme Cardoso (2010), desde o início dos estudos dialetais observa-se certa atenção voltada para o sexo dos informantes, embora isso não fosse feito de modo sistemático, aparecendo de modo cartografado apenas em atlas do fim do século XX. Nesse sentido, dentre os primeiros atlas brasileiros, verifica-se uma não adoção desta dimensão, sendo o Atlas Linguístico de Sergipe e o Atlas Linguístico do Paraná os primeiros a controlá-la, apesar de terem sido elaborados com base nos parâmetros da Geolinguística Tradicional.

No que diz respeito aos estudos sociolinguísticos, observa-se uma maior adoção da variável sexo. Sob essa perspectiva, estudos variacionistas apontam que as mulheres, em contextos de fala monitorados, tendem a utilizar formas menos estigmatizadas e se mostram mais propensas ao uso de formas de maior prestígio do que os homens, liderando as inovações principalmente quando elas são prestigiadas (Labov, 2008).

Embora seja um dado que pouco a pouco tem mudado, tradicionalmente, sabe-se que “[...] certas atividades são destinadas mais aos homens do que às mulheres, e outras são destinadas mais às mulheres do que aos homens” (Chofard, 2023, p. 23). O contexto que perpassa o ALRT possui como plano de fundo um fato histórico liderado por homens, cujo cenário foi massivamente ocupado por eles, assim, incluiu-se na amostra informantes de ambos os sexos, com o intuito de observar as diferenças entre os falares, uma vez que, dependendo dos aspectos etnográficos e da área semântica envolvida, hipotetizou-se que os homens poderiam ter maior influência sobre a variação e mudança linguísticas, principalmente em nível lexical.

Dimensão diageracional

Como indicam diferentes estudos geolinguísticos e sociolinguísticos, as escolhas linguísticas dos falantes estão muito atreladas a fatores sociais, sendo a idade um dos que se fazem mais evidentes, por exemplo, ao comparar dados de fala de pessoas mais velhas com dados de fala de pessoas mais jovens. De acordo com Cardoso (2010), a idade dos informantes se mostrava como uma preocupação já nas investigações de Rousselot, em 1891, porém, foi apenas com a publicação do Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay, no século XX, que dados coletados segundo a faixa etária dos informantes foram cartografados.

Ademais, salienta-se que por meio da dimensão diageracional é possível o estabelecimento de um olhar diacrônico, já que se tem duas gerações. Nesse contexto, pesquisas com foco na variação e mudança linguística revelam que, em geral, os informantes mais velhos tendem a utilizar variantes mais conservadoras, enquanto os informantes jovens preferem o uso de variantes inovadoras, o que faz desses líderes das mudanças linguísticas.

Portanto, frente à relevância desta dimensão, considerou-se para o ALRT duas faixas etárias: Faixa I – 18 a 30 anos e Faixa II – 50 a 65 anos. Vale mencionar que o perfil etário é o mesmo adotado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil, o que torna os dados passíveis de comparação.

Dimensão diazonal correlacionada à dimensão diastrática

A dimensão diazonal caracteriza os informantes em relação à área habitacional, ou seja, se residem em áreas rurais ou urbanas. Segundo Margotti (2004, p. 19), por meio desta dimensão é possível “[...] ampliar a capacidade de estabelecer correlações pontuais, incorporando à perspectiva vertical de análise linguística do ponto do inquirido a perspectiva espacial-horizontal”. Já a dimensão diastrática, engloba parâmetros que se voltam para a classe social, dentre eles a escolaridade, frequentemente aplicada nos estudos geolinguísticos.

Para a constituição do corpus aqui debatido, essas dimensões foram correlacionadas. Assim, no que diz respeito à dimensão diazonal, foram considerados os parâmetros rural e urbano, os quais se mostram bastante significativos, pois, apesar de atualmente a população ser majoritariamente urbana, todo o movimento tropeiro se deu em contexto rural. Desse modo, Chofard (2023, p. 81) explica que foi levado em conta

[...] para definir como pertencentes ao ambiente rural, os indivíduos que tenham nascido em área rural pertencente à microrregião do ponto de pesquisa, moram afastados a, no mínimo, quatro quilômetros de área urbana e se dedicam a atividades agropastoris. Já como urbanos, consideramos aqueles sujeitos que nasceram na área urbana do ponto pesquisado ou de cidade da microrregião, que sempre moraram na cidade e nela trabalham, ou ainda aqueles que, embora tenham ligação com a área rural, desenvolvam a maior parte de suas atividades no contexto urbano.

Sobre a dimensão diastrática, associou-se diferentes níveis de escolaridade aos informantes rurais e urbanos, devendo, portanto, na delimitação final deste critério os rurais terem como escolaridade mínima o Ensino Fundamental I completo (antiga 4ª série) e como máxima o Ensino Médio completo e, os urbanos, no mínimo o Ensino Médio incompleto e no máximo graduação. Vale mencionar que, ao ir a campo, um grande desafio foi enfrentado para localizar informantes que se enquadrassem no perfil escolar estabelecido inicialmente. Nesse contexto, Chofard (2023, p. 82-83) relata que

[...] a princípio, estabelecemos, para os informantes rurais, no máximo, Ensino Médio Incompleto, todavia, diante da dificuldade em localizar, principalmente, pessoas da faixa etária I com esse nível de escolaridade, precisamos ampliar a estratificação. A esse respeito, observamos que no Brasil, ao menos na Região Sul por onde passamos, há um amplo incentivo à conclusão do Ensino Médio, havendo em cidades como Lages-SC escolas itinerantes que vão semanalmente para as comunidades mais afastadas, o que dificultou, em um primeiro momento, a localização desse perfil”.

Ressalta-se que a opção pela alteração desse critério metodológico se justifica nas palavras de Radke e Thun (1996, p. 42), os quais asseguram que é preciso tomar uma decisão sobre “[...] se preferimos obter informantes em número suficiente em cada localidade, flexibilizando os critérios para cada caso, ou operar com critérios rigidamente definidos, correndo o risco de, em determinados lugares, não encontrar nenhum informante adequado”.

Dimensão diafásica

Esta dimensão volta-se para os instrumentos de coleta de dados e relaciona-se ao modo como os indivíduos fazem suas escolhas e usos linguísticos a depender da situação comunicativa.

No que tange aos instrumentos utilizados para os inquéritos *in loco*, sabe-se que os questionários são os mais usuais, uma vez que garantem um material com alto nível de homogeneidade e passível de comparações. Entretanto, diferentes pesquisadores (Brandão, 1991; Ferreira; Cardoso, 1994; Cardoso, 2010) defendem que apenas a aplicação desse recurso pode inibir que o vernáculo emergja, sendo o ideal a associação com outros métodos, tais como conversas livres e leitura. Nesse sentido, para a constituição do corpus do ALRT, optou-se pela coleta de dados a partir de dois instrumentos: (i) questionário, que se divide em fonético-fonológico, morfosintático e semântico-lexical, e (ii) discurso semidirigido. Assim, tem-se dois níveis de controle, um menos e outro mais espontâneo.

No intuito de “[...] tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade” (Tarallo, 2007, p. 21), os inquéritos realizados para a pesquisa tiveram início com o discurso semidirigido. Para tanto, primeiramente, trazia-se à tona a temática do Tropeirismo, sugerindo, do modo mais natural possível, que o informante contasse algum caso, alguma história tropeira que conhecesse ou, ainda, qual a sua relação com esse

acontecimento histórico⁵. E, depois desse momento em que, de modo geral, os informantes se envolviam verdadeiramente na narrativa e não no modo como a estavam narrando, passava-se aos questionários que, principalmente o semântico-lexical, por possuírem um caráter etnográfico também envolviam sobremaneira os inquiridos, possibilitando, portanto, a coleta nesses diferentes contextos.

Metodologia

No presente estudo, a metodologia baseia-se nos princípios da Geolinguística Pluridimensional. Desse modo, tem-se uma estratificação dos informantes segundo o sexo, a idade e a área habitacional correlacionada à escolaridade. Além disso, salienta-se que os dados foram coletados *in loco* e os resultados são apresentados por meio de cartas linguísticas.

Tendo em vista que o *corpus* deste artigo se baseia nos dados coletados para o ALRT, os aspectos metodológicos aqui contemplados são os mesmos que os do referido Atlas. Assim, no que diz respeito ao questionário empregado na coleta, ele foi dividido a partir dos diferentes níveis de análise, interessando aqui a parte que abrange os itens semântico-lexicais.

Segundo Chofard (2023), pelo fato de a tese partir do acontecimento histórico-econômico do Tropeirismo, o questionário elaborado com 125 questões abarca itens de conhecimento geral, mas, sobretudo, traz questões de cunho etnográfico de diferentes esferas, a saber: partes do animal, partes da montaria, vestimenta, alimentação e cozinha, tipos de cavalos, asininos, muares e tropas, objetos, pelagens de cavalos, funções e atribuições da tropa, geografia e meio ambiente e cultura e convívio.

Nesse contexto, vale destacar que este artigo toma como objeto de estudo apenas a questão 93 do QSL, pertencente ao campo semântico *funções e atribuições da tropa*, buscando as variantes para “[...] a profissão daqueles que fazem os utensílios de couro para a lida com a tropa?”, justificando-se pelo fato de se constituir enquanto um item variável sob as diferentes dimensões de análise.

No que tange à rede de pontos, as investigações partem de 12 pontos de inquérito, a saber: Cruz Alta, Vacaria e Passo Fundo, no Rio Grande do Sul; Lages, Curitibanos e Mafra, em Santa Catarina; Lapa, Palmeira e Castro, no Paraná; e Itararé, Itapetininga e Sorocaba, em São Paulo. Ressalta-se que todos os inquéritos foram gravados e transcritos, não sendo necessário na maior parte das vezes, para este trabalho, recorrer aos áudios.

⁵ Vale mencionar que a maior parte dos informantes inquiridos possuem relação direta com o Tropeirismo, seja por meio da família, com pais ou avós que exerceram a função de tropeiro, seja por meio da cultura presente na cidade e/ou nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs).

No que diz respeito aos informantes, esses foram estratificados, conforme apresentado no Quadro 2, e totalizaram oito por localidade, somando 96.

Quadro 2 – Perfil dos informantes

Nº	Sexo	Faixa etária	Área habitacional	Escolaridade
1	Masculino	Faixa I (18-30 anos)	Rural	E. Fundamental I completo – E. Médio completo
2	Feminino	Faixa I (18-30 anos)	Rural	E. Fundamental I completo – E. Médio completo
3	Masculino	Faixa II (50-65 anos)	Rural	E. Fundamental I completo – E. Médio completo
4	Feminino	Faixa II (50-65 anos)	Rural	E. Fundamental I completo – E. Médio completo
5	Masculino	Faixa I (18-30 anos)	Urbano	E. Médio incompleto – Graduação
6	Feminino	Faixa I (18-30 anos)	Urbano	E. Médio incompleto – Graduação
7	Masculino	Faixa II (50-65 anos)	Urbano	E. Médio incompleto – Graduação
8	Feminino	Faixa II (50-65 anos)	Urbano	E. Médio incompleto – Graduação

Fonte: Adaptado de Chofard (2023).

Para apresentar os resultados e mapear a distribuição das variantes, optou-se tanto pela cartografia, inerente às pesquisas geolingüísticas, sob a perspectiva diatópica, quanto pela elaboração de gráficos para apuração das demais dimensões. Isso posto, primeiramente, as respostas foram levantadas e tabuladas em planilha no Microsoft Office Excel e, depois, com auxílio do software SGVCLin – Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (SEABRA; ROMANO; OLIVEIR, 2014), foram gerados as cartas linguísticas e os relatórios de produtividade, a partir dos quais foram elaborados os gráficos.

Descrição e análise dos dados

Após a coleta de dados e o levantamento das respostas, foram obtidas 13 variantes para denominar a profissão daqueles que fazem os utensílios de couro cru, a saber: *guasqueiro, coureiro, trançador(es), seleiro, artesão, curtidor, emendador de laço, traieiro, fazedor de traia, coronete, coroneio, correador e correaria*. Salienta-se que todas as

realizações foram consideradas, sendo necessário agrupá-las a partir de dois critérios, a saber: (i) ocorrências únicas, que foram agrupadas sob o rótulo *outras*, e formas no plural, como pode-se visualizar por meio do Quadro 3, resultando, desse modo, em sete rótulos a serem cartografados⁶.

Quadro 3 – Variantes registradas para denominar a profissão daqueles que fazem os utensílios de couro cru

RÓTULOS	VARIANTES AGRUPADAS
guasqueiro	guasqueiro
coureiro	coureiro
trançador	trançador/ trançadores
seleiro	seleiro
artesão	artesão
outras	curtidor, emendador de laço, traieiro, fazedor de traia, coronete, coroneio, correador, correaria
RP ⁷	não lembrou/ não soube

Fonte: Chofard (2023, p. 187).

Passando para a análise da produtividade, a Tabela 1 traz os resultados em números percentuais e absolutos.

Tabela 1 – Produtividade geral das variantes documentadas

Variantes	Nº de ocorrências	%
guasqueiro	57	41,01%
coureiro	31	22,3%
trançador	18	12,95%
seleiro	11	7,91%
artesão	4	2,88%
outras	7	5,04%
RP	11	7,91%
	139	

Fonte: Chofard (2023, p. 188).

⁶ Para melhor leitura das cartas linguísticas, tradicionalmente agrupa-se variantes a partir de critérios pré-estabelecidos. Assim, nas cartas não constam todas as variantes, mas sim os rótulos sob os quais elas foram agrupadas.

⁷ Respostas prejudicadas, também encaradas como abstenções.

Frente aos dados apresentados, verifica-se o total de 139 respostas coletadas junto aos 96 informantes inqueridos, número esse que se justifica pela possibilidade de um mesmo informante poder dar mais de uma resposta para o referente investigado.

Isso posto, constata-se que *guasqueiro* foi a denominação mais utilizada, com 57 ocorrências e 41,01%. Como a segunda variante mais produtiva tem-se *coureiro*, com 31 realizações e percentual de 22,3%. Já com índices mais baixos, também foram documentadas as formas *trançador*, com 18 registros e 12,95%, *seleiro* e *outras*, com 11 respostas cada e 7,91%, e *artesão*, utilizada por quatro informantes com percentual de 2,88%. Além disso, 11 respostas foram consideradas prejudicadas, perfazendo 7,91% dos dados.

Diante desse cenário, Chofard (2023, p. 188-189) defende que

[...] a obtenção de *guasqueiro* como a forma mais produtiva reflete de fato a influência dos tropeiros na composição dos falares, principalmente, da Região Sul do Brasil, uma vez que essa denominação de origem quíchua, assim como tantas outras, como charque, aspa, guaiaca, chiripá e pampa, por exemplo, é defendida por Brum (1999) como um termo dos tropeiros de Santa Fé, na Argentina, que passaram para o português.

No que tange a outras variantes, infere-se que *coureiro* pode ter alta produtividade pela expansão do significado, que se estende daquele que tira o couro de animais para aquele que produz utensílios com essa matéria-prima. Já *seleiro* entende-se que acaba sendo empregada pelo fato de também ser uma profissão que lida com o couro, porém com o couro curtido.

Voltando o olhar para a distribuição diatópica dessas variantes, foi elaborada a carta linguística constante na Figura 2.

Por meio dessa carta, verifica-se que *guasqueiro* foi registrada em todas as localidades, porém com diferentes produtividades, o que pode ser observado a partir das respostas dadas nos dois pontos de inquérito aos extremos: em Cruz Alta-RS (ponto 1) essa variante foi dada como resposta por sete dos oito informantes, ao passo que em Sorocaba-SP (ponto 12) foi utilizada por apenas um.

Coureiro, segunda forma mais utilizada, também se encontra difundida pelo território, não sendo registrada apenas em Passo Fundo-RS (ponto 2), ponto esse em que *guasqueiro* e *outras* prevaleceram.

Trançador, por sua vez, pode ser interpretada como uma designação mais frequente na variedade paulista [+SP], não adentrando o território gaúcho, o que também se aplica a *seleiro*, presente apenas em pontos de São Paulo, do Paraná e de Santa Catarina.

Em relação às demais variantes documentadas, *artesão* foi obtida em Curitiba-SC (ponto 5), em Itararé-SP (ponto 10) e em Itapetininga-SP (ponto 11). Já as formas agrupadas em *outras* se distribuem ao longo da rede de pontos.

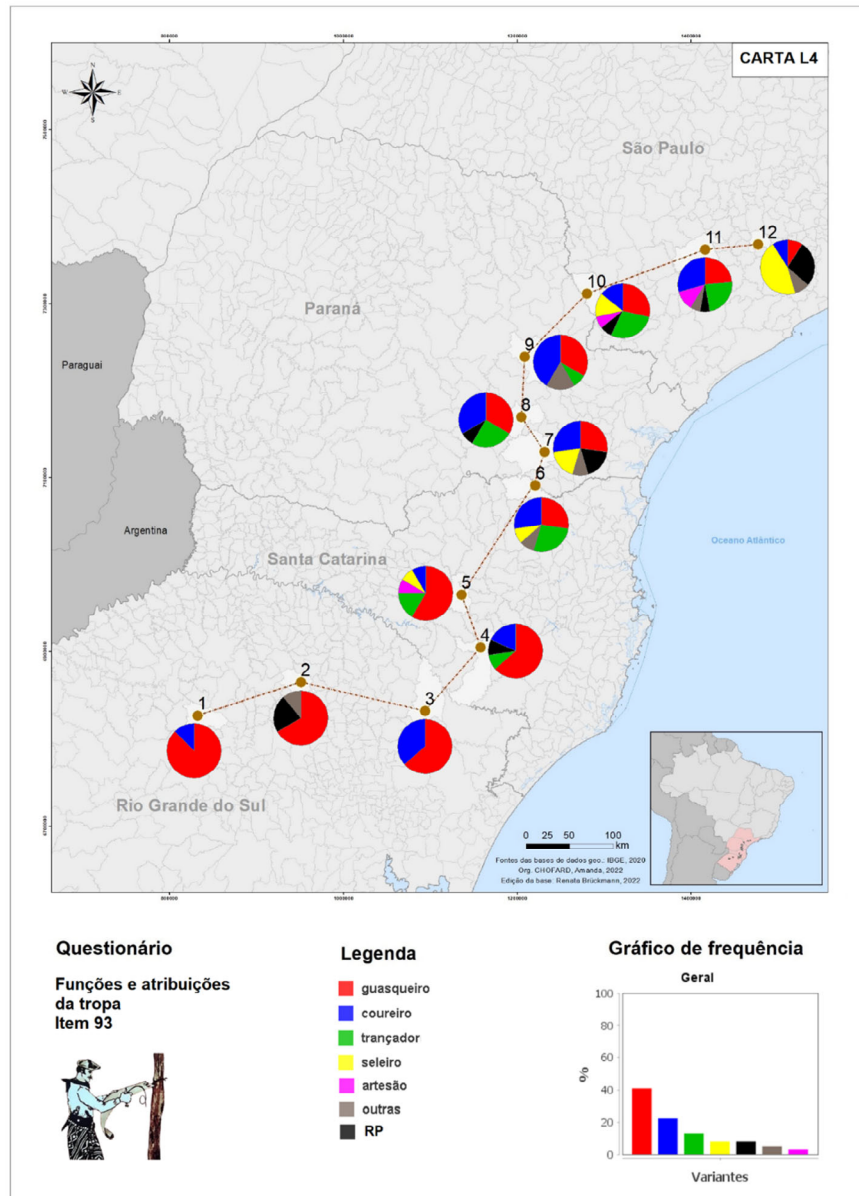


Figura 2 – Distribuição diatópica das variantes documentadas para denominar a profissão daqueles que fazem os utensílios de couro cru
Fonte: Chofard (2023, p. 191).

Isso posto, frente à distribuição e produtividade de *guasqueiro*, *seleiro* e *trançador*, busca-se averiguar como essas designações se propagam pelo território em análise à luz da existência de duas possíveis variedades que se irradiam em sentidos opostos, sendo uma a paulista [+SP] e a outra a sul-rio-grandense [+RS]. Para tanto, foram elaboradas as cartas linguísticas de arealidade gradual⁸ mostradas na Figura 3.

⁸ Essas cartas ilustram, por meio de uma gradação de cores, onde há maior ou menor produtividade de certa variante. Portanto, quando mais escura a tonalidade maior a produtividade e vice-versa.

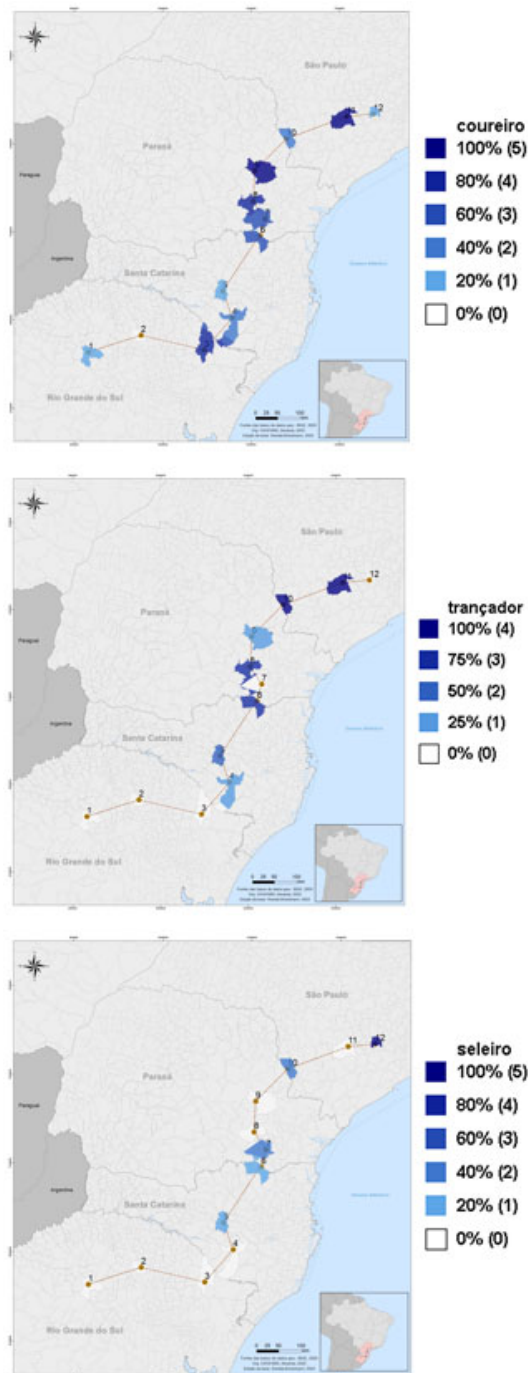


Figura 3 – A realidade gradual das variantes *coureiro*, *trançador* e *seleiro*

Fonte: Chofard (2023, p. 195).

Com base no apresentado por essas cartas, constata-se que *coureiro* possui bastante intensidade na maior parte da rede de pontos, todavia, há certo enfraquecimento dessa denominação em Santa Catarina e, principalmente, no Rio Grande do Sul. Da mesma forma, essa perda de força também pode ser observada nos usos de *trançador* e, de modo mais intenso, em *seleiro*, que é bastante produtiva em Sorocaba-SP e pouco utilizada nas demais localidades.

Por outro lado, em sentido oposto, averigua-se a propagação de *guasqueiro* por meio da carta ilustrada pela Figura 4.

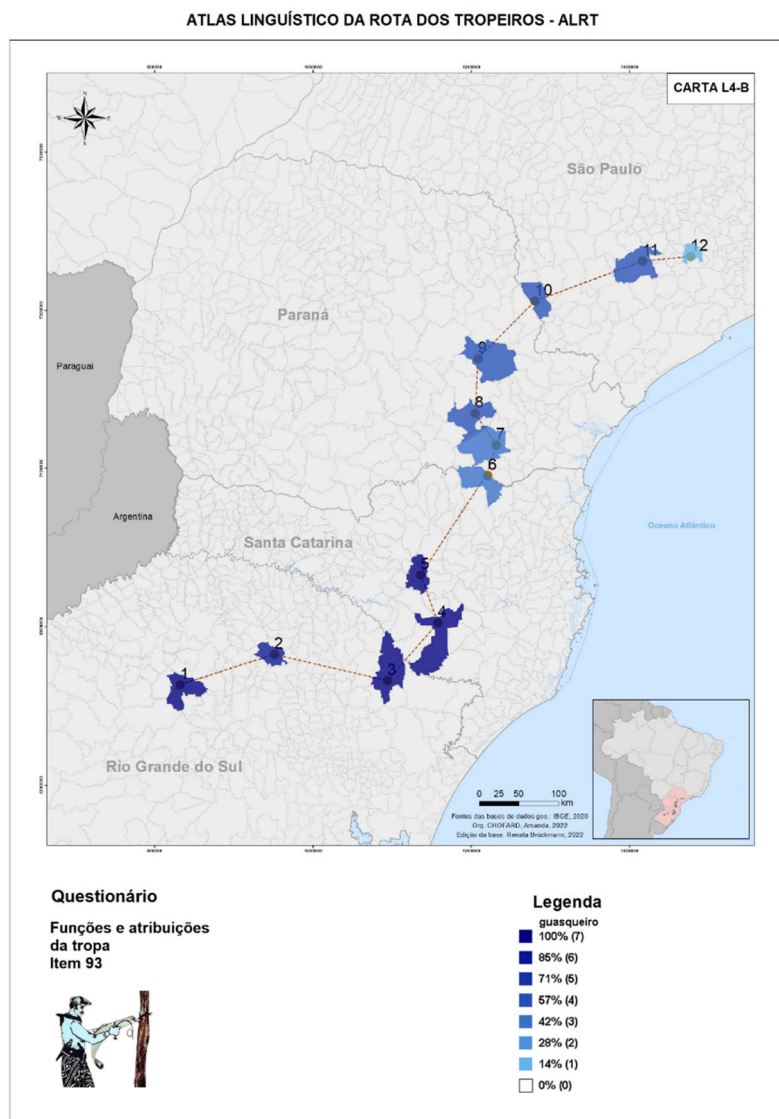


Figura 4 – A realidade gradual da variante *guasqueiro*
Fonte: Chofard (2023, p. 197).

Ao buscar em obras lexicográficas informações sobre o vocábulo *guasqueiro*, um ponto em comum entre o apresentado por Nunes e Nunes (2003) e por Aulete (2022) é o fato de ambas o caracterizarem como um regionalismo do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, ao olhar para a propagação da variante, verifica-se que esse termo “incorporado ao português por meio do intercâmbio cultural entre tropeiros argentinos e brasileiros, no qual se deu o contato linguístico entre o português e o espanhol [...]” (Chofard, 2023, p. 198) mostra-se recorrente entre os gaúchos e em parte do território catarinense, o que, somando ao fato de ser encarado como um

regionalismo, permite a inferência de que se trata de uma designação [+RS], a qual perde intensidade ao se projetar sentido norte, alcançando com baixa intensidade localidades paranaenses e paulistas, principalmente Sorocaba-SP.

Segundo a literatura sobre o tema, fica claro, portanto, que a dimensão diatópica revela a heterogeneidade entre os falares sulistas, assim como “[...] a existência de um contato intervareietal na Região Sul que se dá, sobretudo, em Santa Catarina, estado até onde as variantes [+SP] parecem conseguir se propagar de modo mais eficiente, assim como é onde a variante [+RS] começa a perder fôlego” (Chofard, 2023, p. 198). Além disso, vale ressaltar que a constatação desse contato entre a variedade sul-rio-grandense e a paulista liga-se fortemente a um contexto histórico passado, o qual contribui grandemente para as compreensões acerca da realidade linguística atual.

Passando da diatopia para a análise das demais dimensões controladas, é apresentado o Gráfico 1.

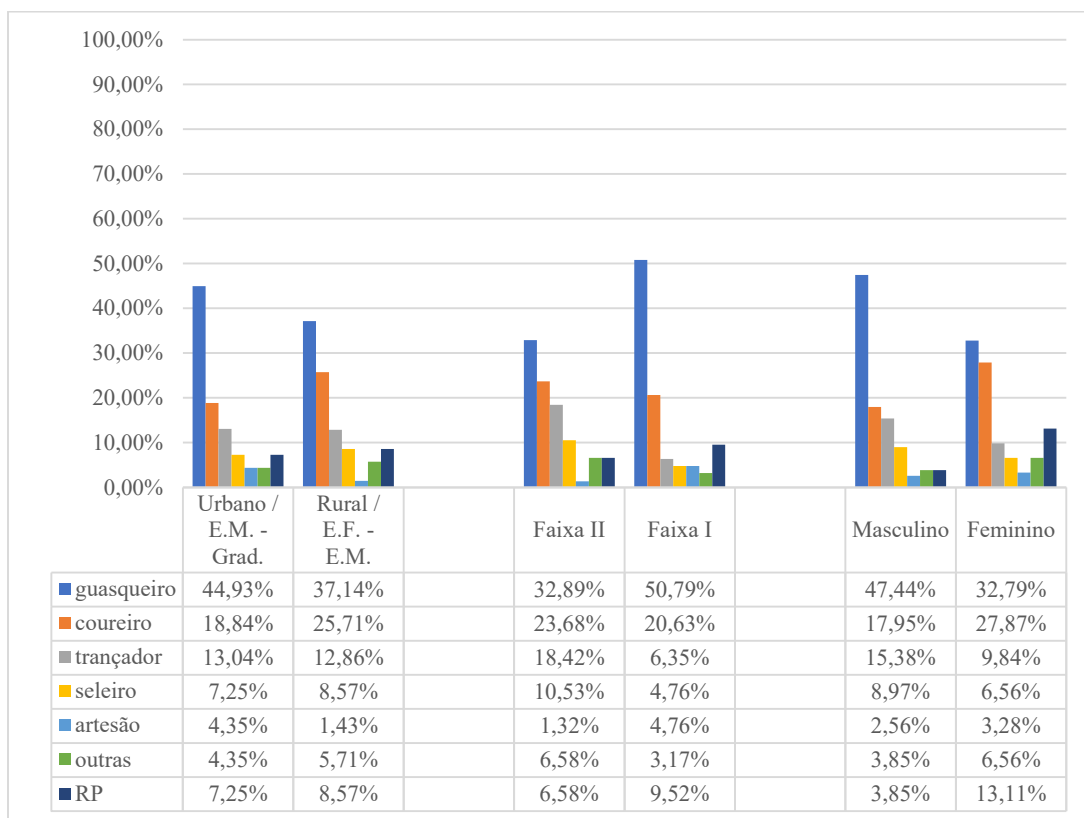


Gráfico 1 – Índice percentual de ocorrências segundo as dimensões diazonal, diageracional e diassexual

Fonte: Adaptado de Chofard (2023, p. 197).

Com base nesses dados, no que diz respeito à dimensão diazonal, aquela que caracteriza os informantes em relação à área habitacional – rural e/ou urbano, observa-se que os maiores apontamentos se relacionam as duas formas mais produtivas.

Desse modo, constata-se que, apesar de em ambas as áreas *guasqueiro* ser a mais recorrente e *coureiro* assumir a segunda posição, os informantes urbanos tendem a utilizar mais a variante *guasqueiro* enquanto os rurais fazem maior uso de *coureiro*. Além disso, verifica-se que *artesanão* também é relevante para a variação diazonal, uma vez que se apresenta como uma forma mais utilizada pelos urbanos.

Ao averiguar a dimensão diageracional, o que chama atenção é o fato de serem os jovens os que mais utilizam a denominação *guasqueiro*, enquanto os informantes da faixa II são os que mais realizam as demais variantes, com exceção de *artesanão*, mais frequente na faixa I, o que pode estar atrelado ao fato de também serem eles os que possuem maiores índices de respostas prejudicadas, a utilizando de modo genérico a fim de não ficarem sem responder quando indagados.

Com foco na dimensão diasssexual, constata-se uma diferença nas preferências linguísticas dos homens e das mulheres. Desse modo, enquanto os informantes do sexo masculino fazem maior uso das variantes *guasqueiro*, *trançador* e *seleiro* do que as mulheres, elas utilizam mais as designações *coureiro*, *artesanão* e as formas agrupadas em *outras* do que eles. Outro fato relevante a ser mencionado diz respeito ao maior percentual de respostas prejudicadas documentado junto às mulheres, o que, conforme Chofard (2023, p. 200) revela “[...] uma maior familiaridade deles para com as atividades equinas e campeiras, tendo em vista que, em geral, ainda que se trate de um trabalho manual, são os homens que mais a exercem”.

Por meio da análise dessas dimensões de cunho social, conclui-se que todas elas possuem, de algum modo, certa influência na escolha de uma ou outra variante linguística, o que, somadas à diatopia, contribui para se ter um melhor entendimento da realidade linguística no que se refere ao item aqui investigado. Ademais, cabe mencionar que, nesta análise a dimensão diafásica não foi considerada, uma vez que a análise se pautou apenas nas respostas obtidas a partir de uma questão do QSL, não considerando os dados coletados com os discursos semidirigidos.

Considerações finais

Diante dos resultados apresentados ao longo deste artigo, observa-se que a pluridimensionalidade adotada pela Geolinguística expande os horizontes de pesquisa e permite a coleta de uma maior gama de dados que a monodimensionalidade não consegue acessar. Todavia, frente aos bancos de dados pluridimensionais surgem inúmeros desafios, principalmente no que diz respeito à cartografia, já que a representação de toda essa quantidade de informações em mapas é uma tarefa muito mais complexa, que, conforme Cardoso (2010), requer uma organização inteligente e racional. Nessa perspectiva, a referida autora sugere a diversificação e a ampliação do número de cartas apresentadas para cada fenômeno linguístico, tal como bem fez o Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai.

No que concerne à tese de Chofard (2023), salienta-se que o viés pluridimensional não foi contemplado cartograficamente, uma vez que esse quesito ainda é um desafio a ser enfrentado pela autora. Porém, por meio de gráficos e análises percentuais e qualitativas já foi possível constatar a importância de considerar dimensões para além da diatopia, uma vez que elas evidenciam, por exemplo, como no caso da questão 93 do QSL, um maior número de respostas prejudicadas, ou abstenções, entre os jovens e as mulheres, além de um maior uso de *artesanato* e das variantes de ocorrências únicas agrupadas em *outras* pelas informantes do sexo feminino do que pelos do sexo masculino, o que pode indicar um maior distanciamento delas e dos mais jovens para com atividades mais voltadas para o contexto campeiro, ambiente esse, tradicionalmente, ocupado por homens, sendo os mais experientes aqueles com mais idade.

Dito isso, sabe-se que uma tese, uma pesquisa geolinguística não se esgota em um único trabalho, principalmente quando há a constituição de um banco de dados para sua realização. Sendo assim, aqui, buscou-se apresentar os aspectos metodológicos de cunho pluridimensional abarcados pelo ALRT, ou seja, as seis dimensões nele contempladas, bem como possíveis justificativas e desafios enfrentados, além da análise de um dos itens investigados, a profissão daqueles que fazem os utensílios de couro para a lida com a tropa. Como próximos passos, almeja-se refletir e estabelecer a melhor maneira de cartografar os dados, contemplando a pluridimensionalidade, assim como proceder à publicação do Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros e de novos estudos provenientes da exegese de seus dados.

Referências

ALVARES, F. C. *Valorização dos aspectos formais dos artefatos confeccionados por guasqueiros do pampa gaúcho aplicados à joalheria*. Santa Maria: UFSM, 2014. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

AULETE, C. *Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2022. Disponível em: <https://aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BRANDÃO, S. F. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo, Ática, 1991.

CARDOSO, S. A. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CHOFARD, A. *Contatos intervaretais das variedades sul-rio-grandense e paulista nos dados do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros*. Florianópolis: UFSC, 2023. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

- COSERIU, E. *O homem e sua linguagem: estudos de teoria e metodologia linguística*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1982.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. M. *A Dialetoлогия no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FIGUEIREDO, C. R. S. *Topodinâmica do português gaúcho em áreas de contato intervarietal do Mato Grosso*. Porto Alegre: UFRGS, 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- FIGUEIREDO JR., S. R. *et al.* Metodologia Geolinguística: agentes em geral e técnicas de inquérito semântico-lexical em específico. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 63, p. 1-16, 2021.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MACHADO, J. P.; LAUXEN, S. L.; COLVERO, R. B. Pampa: o laço, o cavalo e o peão/guasqueiro. *Estudios Rurales*, v. 13, n. 28, p. 1-13, 2023.
- MARGOTTI, F. W. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- NUNES, Z. C.; NUNES, R. C. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003.
- RADTKE, E.; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. *In: RADTKE, E.; THUN, H. Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.
- RIO GRANDE DO SUL. Lei n. 15.965, de 27 de junho de 2023. Declara como integrante do patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul o ofício de Guasqueiro. *Diário Oficial da Assembleia Legislativa*, Porto Alegre, jun. 2023. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-15965-2023-rio-grande-do-sul-declara-como-integrante-do-patrimonio-historico-e-cultural-do-estado-do-rio-grande-do-sul-o-oficio-de-guasqueiro>. Acesso em: 26 ago. 2024.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.
- THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. *In: RAENDONCK, D. V. et al. (org.). Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes*. Bruxelles, p. 367-409, 1998.
- THUN, H. *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*. Kiel: Westensee-Verl, 2000.

Declaração de Autoria

Declaro a autoria do artigo.

Conflito de interesse

Declaro a inexistência de algum tipo de conflito de interesse relacionado ao artigo.

Financiamento

Pesquisa realizada com bolsa UNIEDU/FUMDES.